

O real se dispõe para a gente é no meio da travessia: a transmetodologia na pesquisa dos processos midiáticos em uma comunidade indígena baiana

Helânia Thomazine Porto¹

Resumo

Neste texto problematizamos acerca das epistemologias eleitas para a análise de como os indígenas da Reserva da Jaqueira – Porto Seguro (BA), da etnia Pataxó, estão utilizando os meios de comunicação e informação, levando em consideração a lógica presente nos processos sociocomunicacionais junto à reconfiguração da identidade cultural. Assim, para a apreensão dos modos de utilização das mídias pelos Pataxós temos buscado explicações de ordem interdisciplinar e transdisciplinar, ao adotarmos a epistemologia transmetodológica, sem perder de vista o campo em que a pesquisa se encontra inserida, na Comunicação. Ao optarmos pela transmetodologia, assumimos que o método é construído a partir de uma pluralidade de contextos, por meio do entrelaçamento de lógicas diversas (formais, intuitivas, paraconsistentes, abduativas, experimentais e inventivas) e por confluência de métodos e de modelos teóricos. Quanto aos primeiros movimentos de pesquisa, observamos que os usos e apropriações da web pelos Pataxós têm sido realizados de forma mais crítica e política, em prol do fortalecimento dos movimentos de luta e resistência, através da (re)memorização de suas matrizes culturais que, agora, se (re)configuram, abalizadas nas diversidades de vínculos sociais e nos processos sociocomunicacionais, especificamente no ambiente das redes sociais. Apesar desses indícios, essas primeiras análises ainda não abarcam a complexidade que circunda o estudo de caso, pois a referida pesquisa encontra-se em desenvolvimento, há ainda outros aspectos a serem avaliados acerca dos usos e das apropriações de outras mídias por essa comunidade. Sendo assim, a transmetodologia pode ser entendida como uma proposta (teórico-metodológica) que serve ao/a cientista para criticar, (re)formular com racionalidade os processos obtidos experimentalmente e para pensar novos direcionamentos – saberes que são sempre reconfigurados.

Palavras-chave: Epistemologias. Miatizações. Povos indígenas.

1. Introdução

Os meios de comunicação vêm assumindo um importante papel nos processos comunicacionais dos diferentes grupos sociais, tanto para os que vivem em aldeias, comunidades ribeirinhas e no campo, quanto para os que vivem nos centros urbanos, uma vez que a ideia de miatização diz respeito à penetração das mídias nos contextos dos sujeitos de diversos modos, configurando-se, em cada contexto, uma realidade comunicacional específica, conforme a sua oferta, seus usos e apropriações.

¹ Professora e pesquisadora da Universidade do Estado da Bahia - Campus X. Doutoranda em Ciência da Comunicação: processos midiáticos - UNISINOS - RS. Membro do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, miatização, mediações e recepção – PROCESSOCOM (CNPq/CAPES/UNISINOS) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL (CNPq/CAPES/UNEB).

Para Martín-Barbero (2006), a revolução tecnológica introduziu em nossas sociedades um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção e distribuição desses bens e serviços. Nesse sentido, os meios de informação e comunicação surgem encorpando novas linguagens, ampliando a fluidez de saberes e modificando tanto as formas de aquisição do conhecimento como os locais em que são institucionalizados. Desse modo, os processos midiáticos podem ser entendidos como dinâmicas configurantes e atualizantes de matrizes culturais, redesenhando, assim, a identidade cultural dos indígenas Pataxós na atual conjuntura.

Nessa linha de discussão Castells (2013), ao analisar os usos e as apropriações das redes sociais, defende que a exposição à contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital tem ampliado o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, e essas dinâmicas se dão nos âmbitos global e local, de forma genérica e personalizada, num padrão em constante mudança. Maldonado (2014), além de apresentar a multimodalidade frente à complexidade dos processos midiáticos, elucida a importância de se investigar e conhecer como as sociedades são informatizadas, como os cidadãos leem essa realidade e como estão se relacionando com os processos de informação e comunicação para “compreender e esclarecer as possibilidades de democratização dos processos comunicacionais contemporâneos” (p. 22).

Diante dessa afirmação, defendemos a necessidade de entendermos o processo comunicacional e as práticas de cultura por meio da pesquisa “Culturas Midiáticas e Indígenas: processos sociocomunicacionais em uma comunidade indígena baiana”, ainda em curso, a partir de leituras do contexto social, cultural, político e dos sentidos construídos nos processos de interação por esses sujeitos que são ao mesmo tempo sócio-históricos e comunicantes.

A referida pesquisa tem por objetivos analisar a lógica presente nas experiências de usos e de apropriações dos meios de comunicação e informação realizadas pelos indígenas Pataxós da aldeia Reserva da Jaqueira – Porto Seguro (BA) junto à reconfiguração da identidade cultural; analisar a utilização de mídias pelos Pataxós, verificando se as interações têm contribuído para o engajamento político, especificamente em seus processos de luta pelo território e de resistência cultural; interpretar como se dão as ofertas e apropriações de diversas mídias; e descrever os aspectos sociais, culturais e históricos que caracterizam os Pataxós como grupo étnico na Bahia.

Nesse sentido, a partir dos primeiros movimentos empíricos, buscamos problematizar acerca das epistemologias eleitas para a apreensão de como os indígenas da Reserva da

Jaqueira estão utilizando os meios de comunicação e informação, levando em consideração o seu desejo de ampliação dos contextos de interação social, ao mesmo tempo em que buscam a recuperação e preservação de suas tradições, dos valores (sociais, políticos, culturais) que são atribuídos ao poder interativo estabelecido pelos Pataxós em suas relações sociocomunicativas, e das interpretações das lógicas em que essas relações têm sido construídas.

Por isso inferimos que as midiatisações podem ser explicadas por uma lógica diversificada de pertencimento que tem imposto uma linguagem multicultural do presente que se apoia no passado dos indígenas Pataxós para a reconfiguração de uma identidade cultural. Na perspectiva de Maldonado (2015), os sujeitos em processos comunicacionais contemporâneos experimentam modos e formas de inter-relação sociocultural simbólica que combinam mídias, culturas, realidades, sensibilidades e subjetividades de maneira intensa, contínua e desestabilizadora, gerando comunicações múltiplas.

2. Nas singularidades dos processos midiáticos: os Pataxós da Bahia

No Brasil pré-colonial, os textos sobre os indígenas sempre foram acompanhados de registros visuais, primeiro as pinturas e depois as fotografias, registros realizados a partir de uma perspectiva eurocêntrica. Assim, por longos anos a imagem veiculada acerca dos indígenas era a de sujeitos de rostos pintados, nus e em harmonia com a natureza, o que contribuiu para a construção de um índio idealizado e estagnado no tempo.

Como consequência, ainda no século XXI, realizam-se leituras limitadas acerca dos indígenas, elegem-se como indígenas os que correspondem à imagem do índio idealizado, os que andam nus, que vivem em ocas em matas e falam o Tupi, próxima da simbologia do bom selvagem, sem a necessidade das tecnologias do tempo presente. Assim, para muitos, qualquer indígena que fuja da imagem pré-colonial é acusado de ter “perdido suas raízes como se fossem os não indígenas quem tivessem o poder e o direito de definir o que é identidade etnocultural” (OLIVEIRA JÚNIOR, 1999, p. 115). Na contramão dessa visão propomos a análise dos usos e das apropriações de mídias por indígenas, não concordando com leituras reducionistas e preconceituosas. Assim, nesse momento, deixamos em suspenso a pesquisa empírica, para tratarmos de epistemologias que suscitam reflexões inerentes às investigações propostas, especificamente as que nos possibilitam pensar as práticas midiáticas indígenas, a partir de suas próprias lógicas de pertencimento; para que possamos descortinar seus pontos de

vista e suas táticas e estratégias de comunicação no mundo atual; para assim entender como tal processo comunicacional se insere na reconfiguração da identidade étnica.

No território nacional há aproximadamente 240 etnias. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), 817,9 mil brasileiros se declararam indígenas, isto é, 0,40% em relação à população total. Dessa porcentagem, 572 mil vivem em áreas rurais (em Terras Indígenas, de norte a sul do território nacional) e 324.834 vivem em cidades. Nos aldeamentos Pataxós da Bahia são aproximadamente 11.833 indígenas (FUNASA, 2010), distribuídos em 30 comunidades. E como os demais povos indígenas do leste brasileiro, sofreram sérias mudanças e transformações sociais, perdas significativas da cultura indígena e do território ao longo dos anos.

O povo Pataxó é pertencente à família linguística macro-*Jê* – vivia até o final do século XVII no interior de matas situadas na serra da Mata, no sul da Bahia e norte do Espírito Santo, como indígenas isolados, divididos em hordas, movimentando-se livremente em busca de caça, de frutos e tubérculos encontrados em abundância na região. Entretanto, com a expansão agrícola na floresta Atlântica que se deu pela crescente procura de certos produtos tropicais no mercado mundial, mormente no ano de 1727, quando houve o início das frentes de ocupação na região do sul da Bahia, empreendidas por agricultores que se interessaram pelas terras que ficavam entre os rios Paraíba e Doce, para o cultivo de algodão, fumo e das primeiras plantações de café, houve a “ocupação das áreas verdes, e essa nova expansão demográfica, que caminhou em direção aos grupos indígenas que se mantinham autônomos nessa região” (RIBEIRO, 1977, p. 92), especificamente os Pataxós.

Gradativamente, os indígenas que viviam nos territórios do sul e extremo sul da Bahia foram subjugados e forçados a se recolherem em áreas demarcadas, como a Reserva Paraguaçu-Caramuru, no sul da Bahia, abrigando os Pataxós-hã-hã-hães e Tupinambás, e a Aldeia Barra Velha, no extremo sul da Bahia, para asilar os Pataxós, Kamakans e Tupinambás (SILVA; FERREIRA, 2000), esta última situada entre a foz do rio Corumbau e a do rio Caraíva, a 60 quilômetros da região do Parque Nacional Monte Pascoal.

Até a década de 1940, os Pataxós que viviam aldeados na região de Barra Velha se agrupavam de acordo com a sua função na aldeia: alguns criando porcos, outros retirando a piaçava, fazendo roçado e fabricando farinha. Porém, essa autonomia foi interrompida quando as primeiras equipes técnicas do Serviço Florestal do Brasil (órgão anterior ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) visitaram a área, estabelecendo contatos para a demarcação do Parque Nacional Monte Pascoal, no final dos anos 1940.

Insatisfeitos com as fronteiras impostas e com a vigilância da área do parque Monte Pascoal, o chefe da aldeia Barra Velha, Honório Ferreira, e mais três aldeãos, em 1949, seguiram viagem para a capital do país, Rio de Janeiro, em busca de soluções quanto à demarcação das Terras Indígenas com o Marechal Cândido Rondon.

Segundo os registros da Fundação Nacional do Índio de 1970, no início da década de 1950 apareceram dois cidadãos na aldeia Barra Velha, estes se apresentaram como representantes do governo e se propuseram a ajudar os Pataxós. Mas o auxílio apresentado pelos forasteiros surpreendeu os líderes da aldeia, pois sugeriram que os Pataxós saqueassem um pequeno comércio de um povoado, próximo ao rio Corumbau. Confiantes nesses supostos agentes do governo, os Pataxós saquearam o comércio. Essa atitude desencadeou reações violentas de moradores do povoado, e estes acionaram militares das cidades de Porto Seguro e do Prado (BA) para conter os indígenas. Os militares cercaram a aldeia, prenderam os homens, atearam fogo nas casas e nas roças. A partir desse acontecimento, a aldeia Barra Velha foi sitiada e os Pataxós expulsos, o que culminou com a dispersão desse povo pela região.

Em 1961, o Parque Nacional de Monte Pascoal foi oficialmente instituído como área de preservação e de patrimônio nacional. Desse modo, ficou estabelecido que dos 22 mil hectares pertencentes aos Pataxós apenas 8.627 hectares, cerca de 40% de suas terras tradicionais, seriam de sua utilização. Aos que resistiram e permaneceram no local, foi proibido fazer roçado, obrigando-os a viverem na miséria, uma vez que a área demarcada era um areal, impróprio para o plantio. Essa situação perdurou por aproximadamente trinta anos.

No início da década de 1970, a construção da BR-101, principal via de acesso a todo o litoral baiano, ocasionou a intensificação do turismo na Bahia, conseqüentemente do empreendedorismo imobiliário na região de Porto Seguro e Santa Cruz de Cabrália. Muitos Pataxós que viviam próximo à orla marítima dessa região, uma vez que não estavam mais em seus territórios, foram induzidos pelas imobiliárias a venderem, por preços irrisórios, suas áreas; outros entregaram a área, pois não possuíam título de posse. Essas sucessivas diásporas intensificaram os processos de integração e de assimilação da cultura dos não índios.

Só no final da década de 1990 esses indígenas começaram a ter resultados dos movimentos empreendidos com vista à retomada de seus territórios, notadamente com a demarcação da Terra Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, incluindo nessa área a Reserva Pataxó da Jaqueira, em 1997, ambas localizadas entre Porto Seguro e Santa Cruz de Cabrália. O reconhecimento do direito desses territórios impulsionou os demais Pataxós a continuarem resistindo e em mobilizações contra a desterritorialização.

Nesse sentido, elegemos a aldeia Reserva Pataxó da Jaqueira como nosso “estudo de caso”, levando em conta a história e os contextos social e político, especificamente a (des)territorialização no passado e (re)territorialização no presente, em consonância com as novas empreitadas através do uso e da apropriação de diversas mídias. Sujeitos em movimento, tanto na constituição da cultura quanto na sua própria constituição, em contínuas negociações, nos diferentes espaços, com vista à diluição das “fronteiras hegemônicas” (HALL, 2009), por meio dos projetos políticos, culturais, artísticos, ambientais, educacionais e comunicacionais.

No que se refere ao acesso às mídias, os indígenas da referida reserva têm, em casa, rádio, televisão, além de aparelhos celulares. O acesso a rede de computadores e à internet é pela via das *lan houses*. Nesse processo midiático, esbarra-se nos limites de deslocamento, das taxas do serviço e do tempo reduzido de consulta na *web*. Em contrapartida, o aparelho celular tem se popularizado no meio dos aldeados. Dependendo do modelo do aparelho, este vem cumprindo a função de várias mídias. Um celular pode funcionar como rádio, câmera fotográfica, filmadora, computador para armazenar arquivos, acesso à internet, às redes sociais e à instalação de aplicativos para contatos, como *Instagram* e *WhatsApp*.

A pesquisa das experiências dos Pataxós com os meios de comunicação e informação está atravessada por questões inerentes à identidade, à cidadania, à cultura e à etnicidade. Assim, buscamos inseri-la em campos de saberes que procuram superar a interpretação do índio genérico, bem como compreender a mídia a partir de seus impactos sobre uma cultura específica. Por compreendermos que nenhuma tecnologia é revolucionária ou conservadora por si, por isso é necessário levar em conta as articulações e significações atribuídas pelos sujeitos nessas interações (MALDONADO; WINIK, 2012). Sendo assim, olhar criticamente as práticas sociocomunicativas desses indígenas se apresenta como um desafio diante das diversas situações e possibilidades de interações midiáticas.

Tais ações, neste momento, têm nos possibilitado refletir sobre a metodologia na pesquisa na Comunicação, a partir do exame de práticas concretas, estas como fundantes do fazer investigativo. Para Maldonado (2013), o método é construído a partir de uma pluralidade de contextos, por meio do entrelaçamento de lógicas diversas (formais, intuitivas, paraconsistentes, abduativas, experimentais e inventivas) e por confluência de métodos e de modelos teóricos.

Sem contradizer o argumento anterior, Corcuff (2015) acrescenta que a constituição do método se dá por “diálogos transfronteiriços entre uma pluralidade de conhecimento e de linguagens” (p. 69), possibilitados pela construção de uma sociologia argumentativa. O que na

mirada de Maldonado (2011, 2013) seria por uma abordagem multimetodológica e pela adoção da transmetodologia, pois essas insurgem como possibilidades relevantes para as investigações em que haja interseções entre sujeitos, meios de comunicação e informação, cultura e cidadania. Nessa perspectiva a escolha da(s) epistemologia(s) demarca(m) leituras (do mundo e da palavras) do espaço da pesquisa, das análises já realizadas sobre a temática por outros pesquisadores/as e das dinâmicas dos processos de midiatização no cenário local e global.

3. A transmetodologia como possibilidade para entendimento das midiatizações Pataxós

Para Maldonado (2014), toda investigação acerca dos processos sociocomunicacionais está atravessada por oito dimensões, a saber: “histórica, cultural, social, ética, política, tecnológica, psicológica e semiótica” (p. 21), apontando, desde então, que os conhecimentos e procedimentos metodológicos a serem gerados devem extrapolar o campo da Comunicação, estabelecendo diálogos com outras ciências, como Antropologia, Sociologia, Economia, Linguística, Psicologia e História, numa perspectiva interdisciplinar e ao mesmo tempo transdisciplinar, uma vez que “a metodologia não pode revelar-se fora da totalidade das mensagens que ela organiza com fins de expressão e comunicação. Materiais e métodos intercambiam sentidos e “de fato se organizam como uma gramática” (ALVES, 2014, p. 101), entretanto não se pode perder de vista a coerência interna, isto é, a possibilidade de unidade heurística.

Sobre a produção do conhecimento científico num aspecto integrador, citamos Norris (2007), especificamente a sua crítica ao dualismo com que se tem compreendido o fazer investigativo, em que, de um lado, se tem o ceticismo epistemológico e, de outro, o relativismo ontológico, avaliando que essa visão dicotômica nas ciências deve ser superada, tanto no plano argumentativo quanto no experimental. Sugerindo, assim, que a teoria do conhecimento deve ser entendida a partir de uma concepção mais flexível, envolvendo os saberes construídos no campo das Ciências, estes produzidos historicamente pelo homem no mundo.

Ao adentrarmos pela importância de se buscar a produção de conhecimentos ao longo do tempo e pelos diferentes sujeitos, indiretamente encontramos em Cassirer (1993) a defesa dessas premissas, ao argumentar que o fazer científico é alicerçado pelo estabelecimento da dialética entre a filosofia e a ciência; por uma apreciação mais integradora do ser humano, apontando para a atuação do sujeito, uma vez que este é capaz de compreender a história que

constrói e a dimensão simbólica do autoconhecimento proporcionado pela adoção de uma perspectiva crítica e dialética.

Afinamo-nos com essas argumentações, especificamente, quando se defende a importância de se refletir acerca da(s) epistemologia(s) a ser(em) adotada(s), ou seja, na construção de uma teoria deve-se realizar análises críticas das teorias já existentes, uma vez que é pelo processo histórico-crítico do conhecimento científico que observamos as potencialidades emancipatórias da(s) teoria(s), como também em algumas, as contradições.

Quanto à leitura crítica de informações, Piketty (2014), no estudo realizado sobre o capital do século XXI, alerta para que estejamos conscientes de nosso papel de pesquisadores/as para que não sejam ignoradas a objetividade e a subjetividade nesse processo, “que usemos os dados com cautela e espírito crítico, e que os completemos quando estiverem incorretos ou forem falhos” (p. 64). Há nessa abordagem a defesa da autonomia do/a pesquisador/a, assim também no texto “Pensar la técnica hoy”, de Tomás Maldonado (2007), em que o autor explicita que não devemos entender a metodologia e os procedimentos técnicos em pesquisas no campo da comunicação como uma realidade autônoma, um sistema cerrado, um sistema que se autoexplica (p. 199), mas sim vê-lo a partir de uma dimensão plural. As técnicas, as teorias e os métodos a serem adotados também como objetos de investigação. No acréscimo desse pensamento, Alves (2014) elucida que as teorias adotadas arquitetam os modos de realização da pesquisa, defendendo, assim, análises no interior das significações dos discursos, isto é, uma práxis teórica das teorias e dos métodos.

Por essas óticas, podemos inferir que uma das funções da epistemologia é submeter a prática dos/as cientistas a uma reflexão que toma por objeto não mais uma ciência feita, uma ciência verdadeira, mas as ciências em vias de se fazerem, em seu processo de gênese, de formação e de estruturação progressiva, conforme compreende Japiassu (1991), sinalizando que na produção dessa práxis deve-se adotar uma perspectiva interdisciplinar.

Obviamente que existe uma série de outras contribuições de cientistas que podem ser relacionadas ao modo como os autores supracitados pensam a epistemologia. Entretanto, destacamos a discussão apresentada por Mattelard (2014), em diálogo com Michel Sénécal, em que inter-relaciona as suas experiências pessoais com o percurso das pesquisas, ao investigar os modos de produção e circulação de sistemas de comunicação e de informação em países da América e da Europa. Sobre o seu fazer investigativo, percebemos a combinação entre teoria e prática, passado e presente, questões locais e globais. Ou seja, a abordagem histórica colocada

em diálogo com a cultura e a política. Uma “mirada do mundo” que só se tornou possível pela transversalidade da ciência por outros saberes, experiências e empiria.

Nessa linha de discussão, temos também Bachelard (2001) que, na compreensão da relação do homem com seu saber, diz precisarmos meditar sobre a ciência atual, sobre seu movimento próprio, seus erros do passado e contradições, defendendo uma epistemologia histórico-lógica racional em conexão com a ciência em evolução para o acolhimento das novas experiências; visando, desta forma, a produção de conhecimento científico pela adoção de uma epistemologia aberta e móvel, que renuncia a forma sistemática no seu espaço fechado e no imobilismo.

Com uma visão mais multicultural e integradora, Maldonado (2011, 2013, 2014) explicita que a pesquisa em comunicação não se dá na adoção de uma técnica ou de um método/receituário e que também não se faz por uma razão instrumental, mas por diversas possibilidades e problematizações, conforme suas explicitações em dez premissas, as quais apresentamos resumidamente.

Assim, deveríamos adotar uma ecologia científica, no sentido do respeito e da consideração das experiências humanas dos últimos milênios, situando o ser humano, a espécie, a vida, as outras espécies e o mundo como elementos centrais no fazer investigativo. Além desse princípio, reconhecermos que o mundo precisa ser transformado, porém, de forma substancialmente distinta, por meio da razão *multiética*, e não de uma razão instrumental, como eixo articulador das revoluções culturais técnico-científicas.

Nesse intuito é preciso definir a investigação como práxis central do aprendizado humano, reconhecendo que a pesquisa científica se alimenta, no campo das ciências sociais e humanas e da comunicação em particular, dos diferentes grupos étnicos e espacialidades, portanto é necessário adotar uma postura construtiva transdisciplinar, pesquisando os vários paradigmas, correntes, perspectivas e experiências, combinar, alimentar, dialogar e aproveitar o bom senso cultural gerado pela humanidade nos últimos milênios, reconhecendo quais são as problemáticas pertinentes, os objetos, os projetos e as pesquisas que garantem uma ênfase, um foco, uma crucialidade e uma centralidade comunicacional.

Frente a essas demandas é importante que adotemos a problematização metodológica das investigações com auxílio da confluência lógica e conceitual de vários métodos, sem deixar de assumir um compromisso com a humanidade, com a vida, com as culturas, com as transformações sociais e o bem-estar do mundo.

Além da problematização das metodologias, devemos refletir também acerca dos objetos e dos sujeitos (produtores) da pesquisa científica, uma vez que os sujeitos pesquisadores, isto é, os cientistas, formam-se no cultivo dos desafios, do rigor, da aventura, da arte, da disciplina teórico-metodológica, da crítica e da invenção de processos transformadores do mundo e da vida. Considerando, assim, o caráter complexo e multidimensional da construção do sujeito/pesquisador.

Por fim, para Maldonado (2013), a formação de um pesquisador/cientista não é possível num esquema de cadeia de produção massiva. Ao optarmos pela *transmetodologia*, podemos vislumbrar uma série de probabilidades para a realização de pesquisas no campo da comunicação, desde que essa práxis esteja inter-relacionada com “a densidade e a riqueza do concreto em movimento” (MALDONADO, 2013, p. 40). Conforme a poética de Guimarães Rosa (2006), “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (p. 64).

Considerações finais

Essas construções teórico-metodológicas vêm apontando para as rotas teórico-metodológicas a serem criadas/inventadas/reformuladas/compreendidas e construídas nos diferentes momentos da pesquisa. Para avançarmos na arquitetura dessa pesquisa, temos adotado vários procedimentos metodológicos (Pesquisa Teórica, Pesquisa de Contextualização, Pesquisa Empírica/Exploratória, Pesquisa Metodológica e Pesquisa da Pesquisa), com idas e vindas, da empiria à teoria e vice-versa, envolvendo a análise crítica de estudos já realizados sobre a temática, o estudo do contexto, reflexões de ordem técnico-metodológicas – sempre em confluência e em tensão para o entendimento do caso, uma vez que essas configurações não estão dadas, *a priori*, são construídas no processo, a partir da percepção subjetiva do/a pesquisador/a e das manifestações do objeto de pesquisa (e esse é por natureza complexo e dinâmico). Como nos lembra Mills (1975), o/a pesquisador/a como artesão/ã é ele/ela próprio/a o/a construtor/a de seus métodos e técnicas, os quais são pensados e (re) formulados como atividade criativa, a partir da reciprocidade e tensão entre o teórico e o empírico, numa experiência que conjuga ciência e vida, cada uma enriquecendo a outra.

A epistemologia transmetodológica considera a produção do conhecimento processual, em que o objeto empírico precisa ser construído e reconstruído, “num perpétuo princípio de inquietude, de questionamento, de crítica e de contestações daquilo que, por outro lado, pode

parecer adquirido” (FOUCAULT, 2007, p. 517). Sendo assim, essa episteme pode ser entendida como uma proposta (teórico-metodológica) que serve ao/a cientista para criticar, (re)formular com racionalidade os processos obtidos experimentalmente e para pensar novos direcionamentos – saberes que são sempre reconfigurados.

Assim, defendemos que a apreensão lógica dos modos de utilização das mídias pelos Pataxós demanda leituras dos contextos sociais, culturais, tecnológicos e dos sentidos construídos por esses indígenas. Tais argumentações nos permitem pensar em leituras plurais, superando interpretações que consideram os indígenas como genéricos, assim também no estudo da midiatização a partir de seus impactos sobre uma cultura específica.

Quanto ao entendimento das midiatizações nos diferentes meios de comunicação de massa, Umberto Eco em *Apocalípticos e Integrados* (2011) sugere que se deve ir além dos lugares-comuns do discurso dessa dicotomia, isto é, para além da retórica dos meios de comunicação como excludentes ou redutores/igualizadores da sociedade, colocando essas discussões em relação dialética, ativa e consciente, um dos caminhos para se apropriar dessa questão.

As midiatizações no contexto dos Pataxós estão atravessadas por questões inerentes aos processos sociocomunicativos, assim também às questões culturais, políticas, sociais e étnicas, o que tem nos permitido acolher a inferência de que os processos de midiatização operam em diferentes esferas da sociedade, influenciando na construção de identidades, de imaginários; os meios também como produtores de realidades.

Entretanto, não podemos desconsiderar que grande parte dos meios de comunicação e informação de massa no Brasil ainda está centralizada, organizando-se a partir de relações de poder historicamente construídas e em que a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função “conjurar seus poderes e perigo, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2000, p. 9).

Apesar dessa hegemonia e controle, há experiências de midiatização vivenciadas por grupos indígenas, dentre os quais se encontram os Pataxós da Bahia, que têm reconhecido a importância do uso das mídias digitais, especificamente da internet, caminhando, assim, para uma contra-hegemonia em que os usos e apropriações da *web* têm sido realizados de forma mais crítica e política, em prol do fortalecimento dos movimentos de luta e resistência.

Assim, a identidade cultural dos Pataxós tem sido forjada e articulada nas lutas pela terra, nas estratégias de afirmação étnica, através da (re)memorização de suas matrizes

culturais que, agora, se (re)configuram, abalizadas nas diversidades de vínculos sociais e nos processos sociocomunicacionais, especificamente no ambiente das redes sociais.

A participação direta dos Pataxós no ciberespaço vem possibilitando um novo tipo de comunicação, especificamente a veiculada no *Facebook* tem permitido constante socialização de informações que dificilmente seriam de conhecimento da sociedade em geral a partir de outras mídias. Esse espaço se constituindo como possibilidade de uma comunicação mais horizontal, dinâmica e fluida, em que experiências e memórias são atualizadas nas narrativas nesse ambiente midiático.

Sem deixarmos de considerar as limitações presentes em todas as formas de mediação, o *Facebook* tem possibilitado aos Pataxós da Bahia a emissão de vozes tradicionalmente não ecoadas em outros meios de comunicação. Assim, por meio de redes sociais, esse povo tem exercido o direito de falar por si mesmo, tomando para si o lugar da enunciação. As produções que emergem nesse espaço apresentam-se particularmente muito significativas, em especial quando atualizam as questões fundiárias.

A importância da internet para a socialização das questões dos Pataxós se verifica também no reconhecimento da identidade cultural coletiva, uma vez que, ao tratarem de suas demandas, falam em nome do grupo, sobretudo quando se trata da regulamentação dos territórios indígenas na Bahia, frente à morosidade e às ingerências das autoridades governamentais.

A pesquisa encontra-se em desenvolvimento, há ainda outros aspectos a serem avaliados acerca dos usos e das apropriações de outras mídias por essa comunidade. Essas primeiras análises ainda não abarcam a complexidade que circunda o objeto eleito.

Portanto, inferimos que a busca de indícios não nos remete a fenômenos imediatamente evidentes, pois a base do paradigma não é colher e descrever indícios, mas sim a capacidade de, a partir de “dados aparentemente negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não experimental diretamente” (BRAGA, 2007, p. 78). Sendo assim, o entendimento das mediações como atos sociocomunicativos que emergem sempre de um contexto histórico e cultural, demanda explicações de ordem interdisciplinar e transdisciplinar sem perder de vista o campo em que se encontram inseridas, em nosso caso, na Comunicação.

Referências

ALVES, L. R. *Comunicação, cultura e bem público: convergências metodológicas sob desafios*. Salamanca: Comunicación Social, 2014.

BACHELARD, G. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2001.

BONIN, J. A. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, A. E. et al (Org.). *Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BRAGA, J. L. Comunicação disciplina indiciária. In: *Revista Matrizes*. Vol. 1. N. 02, abril de 2008. Disponível em: <<http://www.redaly.org/articulo.oa?id=143017353004>>. Acesso em: agosto de 2015.

CASSIRER, E. *El problema del conocimiento*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CORCUFF, Philippe. Qué há pasado con la teoría crítica? Problemas, intereses en juego y pistas. *Revista Cultura y representaciones sociales*, vol. 9, n. 18. México: UNAM, p. 63-79.

ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FUNASA (2010). Disponível em: <<http://www.funasa.gov.br/site/noticias/noticias-de-sua-regional/ba/>>. Acesso em julho de 2014.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

IBGE (2010). *População Indígena*. Disponível em: <<http://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>>. Acesso em julho de 2014.

JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

MALDONADO, A. E. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A. E. et al; BONIN, J. A.; ROSARIO, N. M. (org.). *Perspectivas metodológicas em comunicação: Novos desafios na prática investigativa*. Salamanca: Comunicación Social, 2013.

MALDONADO, A. E. Perspectiva transmetodológica na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: MALDONADO, A. E. et al (Org.). *Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MALDONADO, A. E. *Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania e dimensão digital*. Salamanca: Comunicación Social, 2014.

MALDONADO, T. *Memoria y conocimiento: sobre los destinos del saber en la perspectiva digital*. Barcelona: Gedisa, 2007.

MALDONADO, N. O.; WINIK, M. Política de los afectos. La cultura crítica entre licencias, férias y libros independientes. In: LAGO, S. (Compiladora). *Ciberespacio y resistências: Exploración em la cultura digital*. Buenos Aires: Hekht Libros, 2012.

MATTELART, A. *Por una mirada-mundo*. Conversaciones com Michel Sénécal. Barcelona: Gedisa, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J. *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: MORAES, D. (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

MILLS, C. W. Do artesanato intelectual. In: MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

NORRIS, C. *Epistemologia, conceitos-chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PIKETTY, T. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

OLIVERIA FILHO, P. J. Uma etnografia dos índios misturados? In: OLIVEIRA, João Pacheco de. *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra-Capa Livraria, 1999.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

ROSA, G. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. (orgs.). *Antropologia, história e educação*. 2. ed. São Paulo: Global, 2000.

Real is available for people are in the midst of passage: The transmetodologia in search of media processes in a Bahian indigenous community

Abstract

In this paper we question about epistemologies elected to the analysis of how the indigenous Reserve Jaqueira - Porto Seguro (BA), the Pataxó ethnic group, are using the media and information, taking into account this logic in their socio-communicational processes by the reconfiguration of cultural identity. Thus, for the seizure of ways of using the media by Pataxós we have sought explanations of interdisciplinary and transdisciplinary order to adopt a transmetodológica epistemology, without losing sight of the field in which the research is inserted in the Communication. By choosing the transmetodologia, we assume that the method is constructed from a plurality of contexts, by means of the interlacing of several logical (formal, intuitive, paraconsistent, abductive, experimental, inventive) and confluence of methods and theoretical models. As the first research movements, we observe that the uses and appropriations of the web by Pataxós have been conducted more critically and policy in support of the strengthening of the movements of struggle and resistance, through the (re) memorizing their cultural matrices, now, if (re) shape, authoritative social bonds of diversity and sociocomunicacionais processes, especially in the environment of social networks. Despite these clues, these first tests does not cover the complexity surrounding the case study, since such research is in development, there are other aspects to be evaluated about the uses and appropriations of other media for this community . Thus, transmetodologia can be understood as a proposal (theoretical and methodological) serving the scientist to criticize, (re)formulate

rational processes experimentally obtained and to think about new directions - knowledge that is always reset.

Keywords: Epistemologies. Mídiações. Indian people.

Verdadero está disponible para personas están en medio de paso: La transmetodologia en busca de los procesos de comunicación en una comunidad indígena de Bahía

Resumem

En el presente trabajo se pregunta sobre las epistemologías elegidos para el análisis de cómo la Reserva Jaqueira indígena - Porto Seguro (BA), la etnia Pataxó, están utilizando los medios de comunicación y la información, teniendo en cuenta esta lógica en sus procesos sociocomunicacional por la reconfiguración de la identidad cultural. Por lo tanto, para la toma de formas de utilización de los medios de comunicación por Pataxós hemos buscado explicaciones de orden interdisciplinario y transdisciplinario para adoptar una epistemología transmetodológica, sin perder de vista el campo en el que se inserta la investigación en la Comunicación. Al elegir la transmetodologia, suponemos que el método se construye a partir de una pluralidad de contextos, por medio del entrelazamiento de varias lógicas (formal, intuitivo, paraconsistente, abductivo, experimental, de la invención) y la confluencia de los métodos y modelos teóricos. Como los primeros movimientos de investigación, se observa que los usos y apropiaciones de la web por Pataxós han llevado a cabo de manera más crítica y la política de apoyo al fortalecimiento de los movimientos de lucha y resistencia, a través de la (re) memorizar sus matrices culturales, ahora, si la (re) forma, los lazos sociales autorizadas de la diversidad y sociocomunicacionais procesos, especialmente en el entorno de las redes sociales. A pesar de estos indicios, estas primeras pruebas no cubre la complejidad que rodea el estudio de casos, ya que este tipo de investigación se encuentra en desarrollo, hay otros aspectos que deben ser evaluados sobre los usos y apropiaciones de otros medios de comunicación de esta comunidad. Por lo tanto, la transmetodologia puede entenderse como una propuesta (teórico y metodológico) sirviendo para el investigador criticar, (re) formular procesos racionales experimentalmente obtenidos y de pensar en nuevas direcciones - el conocimiento que siempre se restablece.

Palabras clave: Epistemologías. Mídiações. Pueblos indígenas.

Recebido: 07.10.2015

Aceito: 04.04.2016